

CONCEITOS DE SAÚDE NA ESCOLA PRIMARIA: QUAL É A VERDADEIRA REALIDADE?

CONCEPTIONS ON HEALTH IN PRIMARY SCHOOL: WHICH THE TRUE REALITY?

Lorena Galvão Araújo¹

Yukari Figueroa Mise², Renata do Nascimento Jucá³, Rejâne Maria Lira-da-Silva⁴

¹Colégio da Polícia Militar (Dendezeiros) e Ciência, Arte & Magia: Programa de Educação e Divulgação Científica da Bahia, Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia, loregalvao@hotmail.com

²Programa de Pós-graduação em Saúde Comunitária, UFBA, e-mail: yukari@ufba.br

³Programa de Pós-graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências, UFBA/UEFS, e-mail: jucahufba@yahoo.com.br

⁴Ciência, Arte & Magia: Programa de Educação e Divulgação Científica da Bahia, Instituto de Biologia, Universidade Federal da Bahia, rejane@ufba.br

Resumo

Esta pesquisa tem caráter investigativo, objetiva analisar as concepções que envolvem a transversalidade do tema Saúde no ensino fundamental e tem enfoque na importância da Educação Física. Foram aplicados questionários quali-quantitativos para estudantes dos colégios Villa Lobos(n=55) e Colégio da Polícia Militar(n=201), Salvador, Bahia. Observamos que 12,5%(n=41) dos alunos conceituam saúde como a ausência de doença; 2) 93%(n=233) não explicitou a conexão desse tema ao campo social; 3) 35,5%(n=91) relatou que se sentem obrigados a praticar um esporte pelo colégio; e 4) 52,3%(n=134) relatou que levam os conhecimentos obtidos nas aulas de Educação física para seu dia-a-dia. Concluímos que as concepções que os alunos têm sobre saúde são fragmentadas, o que foi evidenciado no enfoque dado aos aspectos biológicos do processo saúde-doença. Essa visão pode estar vinculada à educação reducionista ainda presente nos colégios e à falta de integração entre profissionais de saúde, professores de Ciências e os estudantes.

Palavras-chave: Educação em saúde, ensino fundamental, saúde.

Abstract

This research has investigative character, objective to analyze the conceptions that involve the transversality of the subject Health in Primary School and has approach in the importance of the Physical Education. Quali-quantitative questionnaires for students of the colleges had been applied Villa Lobos(n=55) and College of the Policy Militar(n=201), Salvador, Bahia. We observe that 12,5%(n=41) of the students they appraise health as the illness absence; 2)93%(n=233) did not didn't show a connection of this subject to the social field; 3)35,5%(n=91) it told that debtors feel themselves to practice a sport for the college; e 4)52,3%(n=134) told that they day-by-day take the knowledge gotten in the lessons of physical Education for its. We conclude that the conceptions that the students have on health are broken up, what health-illness was evidenced in the approach given to the biological aspects of the process. This vision can be entailed to still present the reducionista education in the colleges and to the lack of integration between professionals of health, teachers of Sciences and the students.

Key-words: Health Education, Basic Health, Primary School

1 INTRODUÇÃO

A escola é o lugar onde a criança começa a compreender conceitos científicos presentes em seu dia-a-dia. Em conjunto com o espaço familiar e com a ação dos veículos de comunicação, ela desempenha um importante papel na formação de concepções ainda na fase da infância e perduram por muito tempo. Nessa situação, reside a grande importância da contextualização e da transversalidade dos temas tratados no ambiente escolar.

Percebe-se que, muitas vezes, há a formação de concepções fragmentadas por parte dos educandos. Esta fragmentação pode ocorrer por vários motivos, entre os quais podemos citar a contextualização inadequada e a ausência de transversalidade na abordagem de alguns temas tratados em sala de aula. Nesse contexto, está inserido o conceito de Saúde.

Registros de diálogos entre a educação e a saúde podem ser observados desde o início da colonização do Brasil.

O primeiro marco histórico trata-se da chegada oficial dos jesuítas em 1549. Imbuídos da tarefa de adequar os nativos do Brasil colônia a parâmetros e crenças européias, os padres lideraram um movimento-controle e aculturação dos índios, modificando seus hábitos e crenças, considerados por eles como impuros e anticristãos.

Apesar de confessar a doença como reação divina, muitos destes religiosos eram profissionais ou pesquisadores da arte de curar, o que possivelmente os levou a fazer importantes observações sobre a ligação dos hábitos da população colonial e com as condições ambientais ao desenvolvimento de algumas moléstias (LEITE, 1956).

Tais observações levaram ao desenvolvimento de estratégias de convencimento de abandono de hábitos insalubres e de práticas de curas “pagãs”, inseridas no processo educacional jesuítico. Os jesuítas então passaram a orientar os indivíduos a prática de adoração, à formalização da fala e da escrita e aos aspectos comportamentais. Esta filosofia foi difundida em todas as instituições lideradas pelo grupo, a fim de obter uma homogeneização de padrões.

Teorias relacionadas à saúde dos indivíduos também direcionaram alguns aspectos do sistema educacional no século XVII. A teoria miasmática foi de suma importância para a construção de escolas, os horários e o tempo de estudo, as vestes dos estudantes e o tipo de alimentação, todos estes aspectos foram alinhados por este paradigma.

A educação em saúde no século XIX firmou-se sob forte influência higienista, com uma estratégia didática direcionada para o repasse de informações respaldadas em um modelo biomédico. Segundo CARDOSO DE MELO (1987), somente no primeiro quartil do século XX, na Conferência Internacional sobre a Criança, em 1919, é que a Educação em Saúde se instalou como disciplina teórico-prática. Neste momento, o currículo escolar do século XX instituiu abordagens específicas dos temas relativos à saúde. Elas eram: Higiene, Puericultura, Nutrição e Dietética.

A ampliação dos agravos e as modificações dos padrões de morbi-mortalidade que enfatizam a influência dos estilos de vida na origem de algumas doenças redirecionou o foco da saúde na educação, para aspectos comportamentais individuais. Assim a “disciplina” chamada “Programas de Saúde” foi inserida no currículo escolar com o objetivo de ampliar os conteúdos referentes a esse tema ensinados aos estudantes. Esse novo componente do currículo escolar foi formalizado pela Lei nº. 5692, de 1971, que também tornava obrigatória a inclusão das disciplinas Educação, Moral e Cívica, Educação Física e Educação Artística, nos currículos plenos dos estabelecimentos de 1º e 2º graus (BRASIL, 1997).

A disciplina Programas de Saúde, entretanto, não deveria ser tratada como as demais. Seus conteúdos deveriam ser abordados num processo contínuo por todas as disciplinas escolares, com destaque para as matérias Ciências, Estudos Sociais e Educação Física. Esse tratamento “especial” seria a base para que os alunos pudessem formular conceitos mais abrangentes a respeito do tema saúde (BRASIL, 1997).

Essa realidade, entretanto, não está presente na maioria das escolas de hoje, o que resulta em construções fragmentadas de conceitos relacionados à saúde. A abordagem dada ao tema não é interdisciplinar e, na maioria das vezes, se restringe aos aspectos biológicos:

Respeitadas as possíveis exceções, o que se tem, ainda hoje, é um ensino de saúde centrado basicamente na transmissão de informações sobre como as pessoas adoecem, os ciclos das doenças, os seus sintomas e as formas de profilaxia (BRASIL, 1997).

A Educação Física, por sua vez, não tem desenvolvido no espaço escolar todos os aspectos que estão diretamente relacionados a ela. As dimensões política, social, afetiva e cultural, por exemplo, não têm sido evidenciadas para os estudantes. Como consequência, os alunos têm formulado uma visão restrita de que a aula de Educação Física é apenas um momento para praticar alguma atividade física, o que, segundo algumas definições, não é o objetivo da matéria:

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida (BETTI, 2005).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1997), propostos pelo Ministério da Educação (MEC), prevêm essa abordagem mais abrangente, que seria fundamental para que os educandos pudessem agir como sujeitos sociais e cidadãos. Há, ainda, a importante questão da inserção de conteúdos de saúde nas aulas de Educação Física, que costuma ser ausente ou deficiente.

Este trabalho trata de uma pesquisa de caráter investigativo que objetiva verificar as concepções que envolvem o tema saúde no ensino fundamental, com um enfoque voltado para a transversalidade deste tema, levando-se em consideração a importância da disciplina Educação Física.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho assume uma abordagem qualitativa, no qual se desenvolveu um estudo de caso, cujo instrumento de coleta utilizado foi questionário semi-estruturado, tendo como objetivo aferir a opinião sobre a concepção de saúde, doença, prevenção, dentre outras. Os questionários foram aplicados para alunos do ensino fundamental do colégio Villa Lobos (CVL), da rede particular de ensino, e do Colégio da Polícia Militar da Bahia – Unidade Dendezeiros (CPM), da rede pública de ensino da cidade de Salvador, Bahia.

Para a aplicação dos questionários, considerou-se o número de turmas de cada escola com o objetivo de calcular o N amostral que correspondeu a 10% dos estudantes. Cada um deles assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), atendendo à Portaria 196/96 do Ministério da Saúde que trata da pesquisa com seres humanos, cujo Projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Hospital Santa Izabel, nº. FR113930. Todas as respostas da amostra foram organizadas em categorias, sendo que cada sujeito foi analisado quanto ao tipo de resposta dada, ajustando-se então a uma ou mais categorias, descritas, comentadas e discutidas e, em seguida, tratadas estatisticamente no programa SPSS® for Windows 11.0

(Statistical Package for the Social Sciences) (2001). A análise estatística contou de medidas de frequência simples.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos resultados sobre o perfil dos estudantes mostrou que dos 256 questionários, 55 eram do Colégio Villa Lobos e 251 ao Colégio da Polícia Militar da Bahia. Dos estudantes entrevistados, cerca de 84% (n=216) tinha idade entre 11 e 14 anos e não houve predominância de gênero, uma vez que 50% (n=128) eram homens e 50% (n=128), mulheres.

As respostas dos estudantes, a respeito de suas concepções de saúde, foram classificadas segundo categorização já validada por Bouruchovitch *et al.* (1991). Assim como no trabalho destes autores 11 categorias foram necessárias para análise das respostas.

Conceito de saúde

Quando os estudantes foram perguntados a respeito de seu conceito de saúde, a idéia mais presente foi a de alguma sensação (15%, n=49), sem explicitar campos específicos, como o social, o físico ou o psicológico, por exemplo. Segundo Ausubel *et al.* (1980), a percepção de sensações ou estados (estado de bem-estar) representa uma evolução cognitiva. A estratégia de traduzir o abstrato ao concreto facilita uma compreensão mais íntima do que se pretende assimilar conceitualmente, porém, trabalhos como o de Bouruchovitch *et al.* (1991) relatam o aparecimento desta fase cognitiva em estudantes dos primeiros anos do ensino fundamental, o que demonstra certo atraso cognitivo no grupo analisado, considerando que estes estão em um nível mais avançado de escolaridade.

A idéia de ausência de doença (12,5%, n=41), fez uma íntima referência aos compromissos com aspectos biológicos presente nas concepções dos alunos acerca do tema saúde. Tal resultado concorda com os achados de Mohr (1992), onde a pesquisadora relata,

(...) “A preservação de saúde são vistas por professores e alunos, predominantemente pelos seus aspectos biológicos e orgânicos”.

A mesma idéia ficou evidente quando 10,7% (n=35) relacionaram saúde à alimentação adequada e 9,8% (n=32), ao bom condicionamento físico ou boa forma física (Tabela 1).

Tabela 1: Respostas de estudantes do ensino fundamental de Salvador, Bahia, à pergunta: “Para você, o que é saúde?” dos estudantes do Colégio da Polícia Militar e do Colégio Villa Lobos, Salvador, BA.

Conceito dos Estudantes	Nº.	%
Sensação	49	15,0
Ausência de doença	41	12,5
Alimentação adequada	35	10,7
Atividade física/ boa forma física	32	9,7
Interferência no estado geral da pessoa	27	8,0
Redundante/ Distorcido	20	6,0
Equilíbrio orgânico e mental	19	5,8
Vida/ Manutenção da vida	17	5,0
Equilíbrio das condições orgânicas	12	3,6
Prevenção	12	3,6
Auto-cuidado	10	3,0
Outro	35	10,7
Ignorado/ Não obtido	21	6,4
Total	330	100,0

Ainda ressaltando um compromisso com aspectos intrínsecos, em que a saúde é influenciada por peculiaridades inerentes aos indivíduos, isolados de fatores externos o equilíbrio mental, encontram-se 5,8% (n=19) dos alunos, que classificaram saúde como o equilíbrio existente entre o psicológico e o somático. Estas resposta destacam a influência da concepção holística da saúde proposta pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 1946), que destaca a importância dos aspectos mentais na conformação do estado de saúde (WHO, 1946).

Uma parcela considerável dos alunos, 6% (n=20), apresentou dificuldade para realizar a conceituação, sendo então classificada como redundante, distorcida ou inconsistente. Houve ainda 21 alunos, que corresponderam a 6,4% do total, que optaram por não responder à pergunta. Outras 35 respostas foram classificadas em outras categorias, que representaram percentual abaixo de 3%, como por exemplo, as que apresentavam a idéia de saúde como um direito constitucional, as que relacionavam saúde à qualidade de vida ou à resistência imunológica. É importante salientar que cerca de 22% (n=57) dos alunos apresentaram mais de uma idéia. Assim, 59 respostas foram classificadas em duas ou mais categorias, o que gerou um total de 330 idéias e não de 256, a quantidade pesquisada de alunos.

Comparando estes dados com os da pesquisa realizada por Leal (2006) com estudantes do Ensino Médio da rede estadual de ensino de Salvador, onde a maioria respondeu que saúde “*é estar sem nenhum problema físico, com bom funcionamento do corpo, mente e do espírito*”, observamos uma maior estruturação conceitual, certamente por estarem em estágios cognitivos mais especializados e o processo de internalização conceitual se apresentar mais bem consolidado. Ainda assim, compromissos com processos biológicos se apresentam muito fortemente.

As análises evidenciaram a pouca inserção e compreensão do conceito proposto pela OMS, que descreve saúde como “*estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença*”.

Os resultados revelam o ainda a forte influência do paradigma biológico-comportamental (século XIX), ainda respaldado por autores do século XX, tal como Boorse (1977 *apud* ALMEIDA-FILHO *et al.*, 2002) que define a saúde simplesmente como a ausência de doença. Embora reducionista e biologicista, essa concepção tem grande alcance na população, o que foi comprovado pela análise dos questionários, em que 12,5% (n=41) dos estudantes descreveram saúde como ausência de doença.

Conceito de doença

Quando questionada a respeito do conceito de doença, grande parte dos alunos, 18% (n=50), apresentou uma concepção que se limitava aos agentes biológicos causadores de doenças, sendo os vírus e as bactérias os mais citados. Note-se a valorização da participação dos microorganismos no processo de doença.

Curiosamente, percebe-se que as idéias da teoria microbiana, paradigma que norteou muitas pesquisas realizadas ao final do século XIX. Tal teoria marcou o início da fase científica da medicina. Os redutos desta crise paradigmática foram as Faculdade de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, tendo como figuras de principal destaque Otto Edward Henry Wucherer (1820-1873), de descendência luso-germânica, John Ligertwood Paterson (1820-1882), de origem escocesa e José Francisco da Silva Lima (1826-1910), português. Tais pesquisadores e seus liderados contestaram a teoria miasmática que explicava a etiologia das doenças, pressupondo que o solo produzia emanções causadoras de doenças que acometiam as populações. Os achados que comprovaram a participação dos microorganismos como causadores de desequilíbrios à saúde delinearão os rumos das pesquisas de uma geração de pesquisadores e ajudaram a remodelar o que se concebia de relevante à preservação à saúde. Tal teoria consolidou-se de forma tão eficaz que ainda se encontram fortes compromissos com tal teoria atualmente (EDLER, 2001).

Outros 10% (n=27) relacionaram o conceito à ausência/perturbação da saúde. Uma parcela razoável de alunos, 4,3% (n=12), expressou que a doença interfere diretamente em seu estado geral, causando, principalmente, angústia, tristeza e preocupação. Já aqueles que tiveram respostas classificadas na categoria “Atribuição de nomes” definiram doença, constantemente, como algo chato, perigoso e ruim (Tabela 2). É importante salientar que, levando em consideração que 17 alunos apresentaram mais de uma idéia ao conceituar doença, o total de respostas foi de 276 e não de 256, a quantidade de alunos (Tabela 2).

Tabela 2: Resposta dos estudantes à pergunta: “Para você, o que é doença?” dos estudantes do Colégio da Polícia Militar e do Colégio Villa Lobos, Salvador, BA.

Conceitos dos Estudantes	Nº.	%
Causalidade	50	18,0
Ausência/ Perturbação da saúde	27	10,0
Atribuição de nomes	24	8,7
Mal-estar	22	8,0
Desequilíbrio das funções orgânicas	16	5,8
Um mal	13	4,7
Redundante/ Distorcida	13	4,7
Descuido ou mau hábito em relação à saúde	12	4,3
Interferência no estado geral da pessoa	12	4,3
Outro	51	20,5
Ignorado/ Não obtido	30	11,0
Total	276	100,0

Quando comparamos estes dados com a pesquisa de Leal (2007) observamos que os estudantes do Ensino Médio conceituam Doença como “*uma alteração no sistema biológico emocional do ser vivo, falta de saúde*”, a segunda resposta mais frequentemente referida pelos estudantes de nossa pesquisa com estudantes do Ensino Fundamental.

Pode-se considerar a hipótese de que as respostas apresentem um enfoque exclusivamente biológico devido ao conteúdo de Ciências do ensino fundamental. Nessa fase, os eixos temáticos abordados são “Vida e Meio Ambiente”, “Ser humano e saúde”, “Tecnologia e sociedade” e “Terra e Universo” (BRASIL, 1998). Desta forma, o contato recente que os educandos tiveram ou estão tendo com o estudo dos seres vivos pode justificar as conceituações recorrentes a aspectos estritamente biológicos.

A análise dessa pergunta mostrou que os alunos entrevistados possuem conceitos bastante variados a respeito de doença. Podem ser destacadas as categorias “*Má qualidade de vida*”, “*Sedentarismo*” e “*Religiosidade*”. A singularidade de algumas dessas respostas chama a atenção, a exemplo da seguinte:

“Doença, para mim, é um castigo de Deus” (J.S.F., 14 anos).

Em se tratando de uma pesquisa realizada num país como o Brasil, que desde sua colonização os aspectos religiosos norteiam grande parte dos pilares sociais, a menção da relação íntima entre a saúde e a religião. É sabido que todas as nossas influências étnicas trazem uma grande carga de religiosidade e misticismo quando a saúde dos indivíduos é considerada (CAMARGO, 2000).

Ao compararmos os resultados obtidos neste trabalho aos da pesquisa “*Educação em Saúde: Qual a verdadeira realidade*”, de Leal (2006), realizado com alunos entre 15 e 25 anos de Salvador, percebemos que não há muitas divergências. Segundo o trabalho previamente mencionado, esses jovens de ensino médio e superior relataram que saúde “*É estar sem nenhum problema físico, com bom funcionamento do corpo, da mente e do espírito*”. Em relação ao

conceito de doença, o mesmo se observa. Os conceitos obtidos na mesma pesquisa (2006) foram sintetizados por ele como “*Alteração no sistema biológico ou emocional do ser vivo, falta de saúde*”. Coincidem, também, com as idéias relacionadas no trabalho *Conceitos de doença e preservação da saúde de população de professores e escolares de Primeiro Grau*, de Bouruchovitch *et al.* (1991), realizado com alunos de 1ª a 8ª série do Rio de Janeiro. Os jovens entrevistados nesse trabalho trouxeram concepções de doença que também envolviam ausência de saúde, idéias de causalidade e susceptibilidade imunológica, por exemplo.

Conceito de prevenção

Já quando questionados a respeito do conceito de prevenção, percebeu-se uma considerável dificuldade. Cerca de 30% dos educandos (n=79) apresentou resposta redundante, que definia prevenção como “*o ato de prevenir*” (Tabela 3).

Tabela 3: Respostas dos estudantes à pergunta: “Para você, o que é prevenção?” dos estudantes do Colégio da Polícia Militar e do Colégio Villa Lobos, Salvador, BA.

Conceitos dos Estudantes	Nº.	%
Autocuidado	29	11,0
Evitar instalação/progresso da doença	18	7,0
Evitar que algo aconteça	17	7,0
Proteção	14	6,0
Redundante/Distorcido	79	30,0
Outro	46	18,0
Ignorado/ Não obtido	53	21,0
Total	256	100,0

Esta foi, também, a pergunta subjetiva menos respondida pelos alunos. Cerca de 21% deles (n=53) optaram por não responder à questão, o que reflete a grande dificuldade já abordada anteriormente. A idéia mais presente nas respostas foi a de autocuidado, 11% (n=29), como no exemplo abaixo:

Tomar cuidado e prevenir-se contra as doenças. Prevenção e cuidar da saúde (K.R.N.N., 13 anos).

É se cuidar antes de contrair uma doença (I., 11 anos).

É tudo aquilo que nos protege de doenças (J.S.F., 14 anos).

As respostas à pergunta sobre prevenção foram bastante variadas, o que gerou a classificação de 18% (n=46) das respostas na categoria Outros. Exemplos de subcategorias englobadas nessa maior são: “prática de atividade física”, “alimentação saudável” e “ir regularmente ao médico”. Sete por cento dos estudantes (n=17) responderam à pergunta se restringindo à temática saúde, o que gerou a categoria “Evitar que algo aconteça”. Aproximadamente 7% (n=18) destacaram a relação de prevenção com a proteção e outros 6% com o processo/tratamento utilizado para evitar a instalação de doenças (Tabela 3).

Bouruchovitch *et al.* (1991), chama a atenção para a inespecificidade das respostas obtidas em seu trabalho em si tratando das questões relacionadas à prevenção. Em sua pesquisa, cuidados ligados ao lazer e divertimento foram inexpressivas, assim como as questões ligadas às questões sociais (trabalho, moradia, acesso aos sistemas de saúde primária). Outro aspecto considerado pela autora é a valorização dada pelo grupo estudado à alimentação e aos hábitos alimentares, mais uma vez evidenciando compromissos com idéias higienistas.

Saúde, doença e prevenção e a prática esportiva

Em seguida, foi feita a seguinte pergunta: “Para você, os conceitos de saúde, doença e prevenção estão relacionados à prática esportiva?”. Esse questionamento se mostra válido, pois já serve como indicativo para perceber se os estudantes associam de certa forma, o tema saúde às atividades relacionadas nas aulas de Educação Física. Apenas 6% dos alunos (n=15) relataram que não vêem conexão entre saúde, doença, prevenção e prática esportiva. Os 85% (n=218) que afirmaram o contrário salientaram a importância do esporte para a prevenção e manutenção da saúde (Tabela 4).

Tabela 4: Referente à pergunta: “Para você, os conceitos de saúde, doença e prevenção estão relacionados à prática esportiva?” dos estudantes do Colégio da Polícia Militar e do Colégio Villa Lobos, Salvador, BA.

Respostas	Nº.	%
Sim	218	85,0
Não	15	6,0
Ignorada/ Não obtida	23	9,0
Total	256	100,0

Compreensão da transversalidade da abordagem do conceito de saúde em sala de aula.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, propostos pelo Ministério da Educação e Cultura de 1997, o tema saúde é transversal, ou seja, deve abordado por todas as matérias que compõem o currículo escolar, a fim de capacitar os alunos a formarem conceitos mais amplos acerca do tema.

Levando isso em consideração, perguntamos aos estudantes “Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, propostos pelo MEC, o tema saúde deve ser incluído em todas as matérias do currículo escolar. Isso acontece na sua escola?”. Cerca de 40% (n=103) dos estudantes não souberam responder à pergunta e 11% (n=28) optaram por não respondê-la. Entre aqueles que responderam, 27% (n=68) afirmaram que sim, sua escola trata o tema saúde de maneira transversal, enquanto que 22% (n=57) disseram que não (Tabela 5).

Ao analisarmos as respostas a esta pergunta em relação a cada escola, percebemos houve uma diferença considerável entre o percentual de respostas “Não” dos colégios Villa Lobos (CVL) e da Polícia Militar (CPM). Enquanto que apenas 7% (n=04) dos alunos do Villa Lobos apresentaram essa resposta, no Colégio da Polícia Militar esse número subiu para 26% (n=53). Já nas respostas positivas, há também uma diferença perceptível, haja vista que no Colégio Villa Lobos 46% (n=25) responderam que sim, enquanto que no CPM esse número cai para 21% (n=43) (Tabela 5). Esse fato pode estar relacionado com o fato de que o CVL é um colégio

particular e, portanto, possui melhores condições para tratar o tema saúde de maneira transversal, enquanto que o CPM é um colégio estadual.

Fica evidente que o alto percentual de estudantes que se recusaram responder ou não se sentiram aptos a responder esta pergunta, se dá pelo fato de que os aspectos teóricos dos parâmetros curriculares não se configuram como informação essencial aos discentes, e por isso, a falta de intimidade com o material. A percepção da transversalidade na abordagem do tema já se revela mais familiar aos estudantes, haja vista que seus aspectos práticos são mais facilmente percebidos por estes.

Tabela 5: Respostas referentes à pergunta: “Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais, propostos pelo Ministério da Educação (MEC), o tema saúde deve ser incluído em todas as matérias do currículo escolar. Isso acontece na sua escola? dos estudantes do Colégio da Polícia Militar e do Colégio Villa Lobos, Salvador, BA.

Respostas	Colégio da Polícia Militar		Colégio Villa Lobos		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
Sim	43	21,0	25	46,0	68	27,0
Não	53	26,0	4	7,0	57	22,0
Não sei	82	41,0	21	38,0	103	40,0
Ignorado/ Não obtido	23	12,0	5	9,0	28	11,0
Total	201	100,0	55	100,0	256	100,00

Tendo em vista a transversalidade do tema saúde, ou seja, a sua inserção em todas as matérias do currículo escolar, é também importante analisar as respostas da seguinte pergunta: “Sua escola associa os conhecimentos ministrados nas aulas de Ciências à prática esportiva realizada nas aulas de Educação Física?”. Com isso, pretende-se verificar se a conexão estabelecida entre saúde e a disciplina Educação Física é evidente para os alunos. Observou-se que, excetuando-se os 9% (n= 23) dos alunos que optaram por não responder à pergunta, 41% (n=105) deles afirmaram que a escola não faz a associação em questão. Deve ser considerada a hipótese de que essa associação seja feita, mas não de maneira suficientemente clara. Isso porque, para 27% (n=68) dos alunos, ela existe, o que fica evidenciado em suas respostas (Tabela 6).

Tabela 6: Respostas dos alunos referentes à pergunta: “Sua escola associa os conhecimentos ministrados nas aulas de Ciências à prática realizada nas aulas de Educação Física?” dos estudantes do Colégio da Polícia Militar e do Colégio Villa Lobos.

Respostas	Colégio da Polícia Militar		Colégio Villa Lobos		Total	
	Nº.	%	Nº.	%	Nº.	%
Não	99	49,0	6	11,0	105	41,0
Sim	44	22,0	24	44,0	68	27,0
Não sei	42	21,0	18	32,5	60	23,0
Ignorado/ Não obtido	16	8,0	7	12,5	23	9,0
Total	201	100,0	55	100,0	256	100,0

É importante, também, notar a diferença existente entre as opiniões relatadas acima quando comparamos as respostas dos estudantes dos dois colégios estudados. No CVL, a porcentagem de alunos que afirmou que a escola associa os conhecimentos ministrados nas aulas de Ciências e Educação Física foi de 44% (n=24), enquanto que, no Colégio da Polícia Militar, essa porcentagem caiu pela metade, chegando a 22% (n=44). Já a porcentagem de respostas negativas foi consideravelmente maior no C.P.M., 49% (n=99), e, no Villa Lobos, bastante baixa, chegando a 11% (n=6). Ao total, 60 alunos não souberam responder à pergunta. No Colégio da Polícia Militar, a porcentagem foi de 21% (n=42), enquanto que no CVL foi de 32,7% (n=18). Optaram por não responder ao questionamento 8% (n=16) dos alunos do C.P.M. e 12,5% (n=7) dos alunos do Villa Lobos (Tabela 6).

Quando perguntados se praticavam alguma atividade física, 86,7% (n=222) afirmaram que sim, enquanto que aproximadamente 10% (n=25) afirmaram que não. Essa minoria apresentou as seguintes justificativas: 32% (n=8) não realizam atividade física devido à falta de tempo; outros 32% (n=8), por desinteresse; 12% (n=3) não justificaram; 8% (n=2) relataram que não estavam praticando atividade física no momento, mas em breve começariam; outros 4% (n=1) deram como justificativa a falta de oportunidade; e 4% (n=1) justificaram com problemas de saúde, como pode ser visto no depoimento abaixo:

Porque eu tenho um sexto (cisto) no quadril... (I.H., 11 anos).

Porque eu estou com alguma coisa como uma doença (E., 11 anos).

Porque as vezes meus musculos ficam doendo (M.S., 11 anos).

Sendo a Educação Física uma matéria curricular, 35,5% (n=91) dos alunos relataram que se sentem obrigados a praticar uma atividade física. Além desse dado, é importante destacar como os alunos utilizam os conhecimentos obtidos nas aulas de Educação Física em seu dia-a-dia.

Frente à pergunta “Você leva os conhecimentos obtidos durante as aulas de Educação Física para o seu dia-a-dia?”, 52% (n=134) dos alunos responderam que aplicam o conhecimento obtido durante as aulas de Educação Física no seu dia-a-dia. Uma parcela razoável, 22% (n=55), afirmou o contrário. Cerca de 13% (n=35) dos alunos optou por não responder, 8% (n=20) não souberam responder e para 5% (n=12) a pergunta não era válida, pois eles não praticavam atividade física dentro de seus colégios.

Ainda foi salientado pela maioria dos alunos, 39,8% (n=102), que a atenção dada à disciplina Educação Física não é a mesma dada às demais matérias do currículo escolar.

Percebeu-se, pois, que as conceituações acerca do tema saúde geradas pelos alunos tem sido predominantemente reducionistas, o que é um reflexo, dentre outras coisas, da educação igualmente reducionista fornecida nas escolas. Quanto à Educação Física, percebeu-se que ainda há uma resistência por parte dos alunos para encará-la como uma disciplina de importância relevante. Dentro desse contexto, muitos estudantes não conseguiram relacionar as atividades físicas que praticam durante as aulas dessa disciplina com os conteúdos que obtém acerca do tema saúde.

A relevância atribuída aos conceitos obtidos na nossa pesquisa coincide com o posicionamento tomado no trabalho de Bouruchovitch *et al.* (1991), que afirma que “os conhecimentos emergem como extensão do conhecimento já existente”. Parte-se dessa idéia para o pensamento de que os conceitos apresentados pelos alunos estão envolvidos, principalmente, com o conhecimento adquirido por eles no ambiente escolar, na família, bem como em seu cotidiano. Essa última idéia, por sua vez, converge com o trabalho de Martin & Ângelo (1998),

que afirma que “as percepções de saúde são definidas tal como são vividas, ou seja, na totalidade do homem, integrando corpo, mente, espírito e ambiente”.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA-FILHO, N.,; JUCÁ, V., RICHARD, M. Saúde como ausência de doença: crítica à teoria funcionalista de Christopher Boorse. *Ciênc. saúde coletiva* 7(4): 879-889, 2002. Disponível em: www.scielo.br.
2. AZEVEDO, E.S. de; SHIGUNOV, V. *Reflexões sobre as abordagens pedagógicas em educação física*. Disponível na Internet em <<http://www.kinein.ufsc.br/edit01/artigo2.pdf>>. Acessado em 15 de abril de 2007.
3. BETTI. M. Z., L. R. Educação Física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte* - Ano 1, Número 1, p. 75 2002 .
4. BORUCHOVITCH, E.; FELIX-SOUSA, I.C.; SCHALL, V.T. *Conceito de doença e preservação da saúde de população de professores e escolares de Primeiro Grau*. *Rev. Saúde Pública*. n.25, v.6, p418-425, 1991.
5. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação física*/ Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997. 96p.
6. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente, saúde*/ Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: 1997. 1928p.
7. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais*/ Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília, 1998.
8. CUNHA, M.L.C. *Educação em Saúde: Qual a verdadeira realidade? A Ciência, a Arte & a Magia da Educação Científica*. Edufba: Salvador, 2006. p256 – 260.
9. MARTIN, V.B; ANGELO, M. Significado do conceito saúde na perspectiva de famílias em situação de risco pessoal e social. *Ver. Latino-am.enfermagem, Ribeirão Preto*, v. 6, n. 5, p. 45-51, dezembro, 1998.
10. MATARUNA, L.; BARROS, L. de O. *A saúde na escola e os parâmetros curriculares nacionais: analisando a transversalidade em uma escola fluminense*. *Revista Digital - Buenos Aires* - Ano 10 - n° 82 - Março de 2005. Disponível na Internet em <<http://www.efdeportes.com/edf82/saude.htm>>. Acessado em 17 de maio de 2007.
11. PFUETZENREITER, M. R. A ruptura entre o conhecimento popular e o científico em saúde. *Ensaio Pesq Educ Ciênc*, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, p. 91-103, 2001.
12. ROUQUAYROL, M. Z.; ALMEIDA-FILHO, N. de. *Epidemiologia & Saúde*. – 6ª ed. – Rio de Janeiro: MEDSI, 2003. páginas 17-33.